



9 DE JUNHO - DIA DA IMUNIZAÇÃO

## **Importância das vacinas na prevenção de doenças deve ser reforçada**

*Dia da Imunização é lembrado em meio à queda na procura por vacinas e ao risco do retorno de doenças que já vitimaram milhões*

Cerca de um milhão de pessoas não se vacinaram na última campanha nacional de gripe, somente em Minas Gerais. O Estado registrou três casos de sarampo em 2019, o que levou a Secretaria Estadual de Saúde (SES) a elaborar um plano de contingência. No Dia da Imunização, lembrado neste 9 de junho, uma questão coloca os profissionais de saúde em alerta: estaria a população deixando de se vacinar e provocando o retorno ou o aumento da incidência de doenças?

A vacinação é uma das medidas mais importantes de prevenção contra doenças e a forma mais eficaz de combater males causados por vírus e bactérias. Entre os profissionais de saúde, já está bem claro o conceito de que é muito mais fácil prevenir uma enfermidade do que tratá-la.

“As vacinas estão entre as principais conquistas da humanidade. Graças a elas, conseguimos erradicar a varíola, que vitimou milhões de pessoas ao longo da história, e estamos próximos da erradicação da poliomielite em todo o mundo. Também eliminamos, em 2015, a rubéola nas Américas. Além de milhões de vidas preservadas, esses avanços reduziram internações e o custo social consequente do adoecimento por doenças imunopreveníveis”, afirma a referência técnica em vacinas do Laboratório Lustosa, a enfermeira Marta Moura.

Desde 2013, as taxas de imunização da população brasileira vêm caindo em todas as faixas etárias. Segundo o Ministério da Saúde, de 2004 a 2011, o país chegou a ter 100% de pessoas vacinadas contra o sarampo para a primeira dose da vacina, mas não bate a meta para a segunda dose da vacina - hoje o número está em torno de 80%. Para Marta, o sucesso da política vacinal no Brasil nas últimas décadas pode ter provocado uma espécie de “efeito colateral”, que vem contribuindo para esse comportamento, pessoas com 30, 40 e 50 anos foram devidamente vacinadas na infância, época em que doenças como sarampo e poliomielite eram mais visíveis e a preocupação era maior.

“Há 30 ou 40 anos, sarampo e poliomielite, por exemplo, tinham uma alta incidência, e era comum você ficar sabendo de um caso na família ou na escola. Com a imunização, essas enfermidades praticamente desapareceram do cotidiano da população. Muita gente que não conviveu de perto com elas não têm a consciência de que essa redução só ocorreu por causa da vacinação”, pontua a especialista.

## **Movimento contrário**

Outra grande preocupação dos profissionais de saúde atualmente é a adesão cada vez maior de pais a movimentos contrários à vacinação ao redor do mundo. “Esses adultos desafiam várias pesquisas científicas e não levam as crianças para receberem as doses preventivas, o que aumenta a exposição às doenças. Esse comportamento ameaça seriamente décadas de avanços na medicina preventiva e coloca em risco vidas de quem recebeu ou não a vacina e das pessoas próximas”, além da repercussão negativa que já ocorre na maior parte da Europa com mais de 400 mil casos de sarampo notificados afirma Marta Moura.

Para conter essa onda, instituições internacionais aumentaram a mobilização em 2019. A Organização Mundial da Saúde (OMS) escolheu “Imunização e Vacinação” como um dos temas Dia Mundial da Saúde (7 de abril) deste ano. Uma parceria com o Facebook também está ajudando a combater as “fake news” sobre o assunto.

Nos Estados Unidos, médicos já podem se recusar a atender crianças cujos pais se negam a vaciná-los. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) prevê diversas normas com objetivo de proteger o direito à vida e à saúde de crianças e adolescentes. Entre elas, há a previsão de punições aos pais que não vacinarem os filhos. A legislação afirma que “é obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias”, bem como as vacinações da primeira infância.